

**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

ARTE CINEMATOGRAFICA: HIBRIDEZ E RESISTÊNCIA CULTURAL AMAZÔNIDA

Autores:

Marco Antonio Moreira Carvalho

Bene Martins

Introdução

Este texto refletirá sobre importância do Cinema como arte híbrida mais influente no século XX, e como resistência cultural a partir de seu alcance sobre os espectadores. Filmes estrangeiros e nacionais produzidos, por vezes, sem conhecimento da região amazônica, neste caso, evocam clichês e preconceitos retratados em roteiros e personagens. Embora a arte cinematográfica devesse comprometer-se com questões sociais, culturais e políticas contextualizadas aos locais e épocas em que são produzidos. O artigo propõe reflexões a partir de citações e análises de filmes que reiteraram a existência de estereótipos culturais. Ao entender que o Cinema constrói narrativas e exerce influência no público, é necessário fomentar uma produção cinematográfica amazônica que desconstrua esse padrão dominante baseado na valorização do discurso de agentes amazônicos e sua relação com contexto sócio-político cultural que se apresenta no século XXI. Os objetivos do artigo são apresentar reflexões sobre o modo como a Amazônia é veiculada na maioria dos filmes que tem reforçado estereótipos; analisar filmes com conotações estereotipadas sobre a Amazônia; apontar alternativa de um cinema amazônico comprometido com problemáticas sócio- econômico-culturais.

Metodologia

A partir de amostras sobre os primeiros registros fílmicos produzidos por olhares estrangeiros na região amazônica, foi realizado percurso demonstrativo de diversas produções sobre a região. Amparados em referências de estudiosos do cinema, destacamos os filmes *Matinta* de Fernando Segtowitz e *Ribeirinhos do Asfalto* de Jorane Castro para explicitarmos as possibilidades de filmagens para além das estereotípias reproduzidas. Com base nas observações sobre os desafios dos cinemas nacionais de Mauro Batista e Fernando Mascarello em *O Cinema Mundial Contemporâneo*, informações sobre cultura da Amazônia em *Imagem e Pesquisa na Amazônia: Ferramentas de Compreensão da Realidade* de Claudia Kahwage e Sandro Ruggeri e relatos poéticos sobre o imaginário amazônico de João de Jesus Paes Loureiro em *Encantarias da Palavra*, elaboramos análises comparativas da atual produção cinematográfica amazônica em relação a filmes nacionais e estrangeiros.



Resultados e discussão

As narrativas cinematográficas, em sua maioria, instituíram imaginários que deixaram diversas culturas em estado comatoso e precário e foram retratadas de maneira estereotipada. Quando, no processo de conflito e construção de equívocos, a arte deve provocar reflexões sobre as culturas amazônidas. A arte é uma das maneiras de criar mundos e, neste contexto, significa se aproximar da realidade amazônida pelos seus signos, símbolos, personagens e elementos outros constituidores, tanto de visões apressadas sobre os povos amazônidas, quanto visões mais verossímeis. Neste sentido, dois filmes amazônidas foram selecionados para como referência de filmes comprometidos com uma estética rica em elementos socioculturais da região. *Matinta* (2010) de Fernando Segtowick e *Ribeirinhos do Asfalto* (2011) de Jorane Castro. Em *Matinta*, protagonizada pela atriz Dira Paes, lenda da Matinta Perera é adaptada para filme com linguagem moderna, no estilo ficcional, explorando imagens da floresta amazônica como personagem na história. O filme, com essa narrativa e criatividade, conectou-se com elementos dos gêneros suspense e terror foi sucesso de público e premiado no festival de Brasília naquele ano. *Ribeirinhos do Asfalto*, também com a atriz Dira Paes, mostra tradicional e contínua história de moradores ribeirinhos do Pará, que incentivam seus filhos a se mudarem para capital, para fugir das mazelas de interior precário, com dificuldades econômicas e futuro limitado pela falta de incentivos e investimentos. A crença de vida melhor é mostrada em estilo quase documental, com cenas externas que indicam a rotina de quem quer tentar vida melhor ao se inserir nos sonhos da capital. A identificação do drama do filme é evidenciada nas sequências em que aparece a cidade de Belém em uma visão mais realista com o mundo dos personagens. O filme foi selecionado para o festival de Gramado naquele ano e foi premiado.

Imagem 01 - Cena do filme *Ribeirinhos do Asfalto*, de Jorane Castro, 2009.



Fonte: Cabocla Filmes, 2019.

Ambos os trabalhos são representativos do cinema amazônico, não apenas pelos temas regionais, mas também pela busca de eco cultural significativo que, direta ou indiretamente, conflita com a cultura dominante brasileira e do mundo. Nesse sentido, filmes podem provocar outro viés em parte da expressão cultural paraense que, até pouco tempo, não reconhecia genuinamente suas histórias e foi



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

influenciada pelos estereótipos gerados por parte da cultura brasileira que, preferivelmente, indicava como referências apenas regiões sul e sudeste.

A produção cinematográfica da região deve priorizar o entendimento da riqueza cultural amazônica, como fonte de conhecimento para outras interpretações. O espectador, atualmente, ao ter acesso também às expressões artísticas regionais, poderá desenvolver identificação com conceitos sobre religiosidade, mitos, hábitos, imaginários, valores transmitidos de geração para geração, o que não significa perenidade. Esta seria uma das alternativas para incluir e se valorizar, ante a cultura mundo que generaliza e faz leitura imperativa das demais culturas. Artigos publicados no livro *Desdobramentos das Linguagens Artísticas: Diálogo Interartes na Contemporaneidade* organizados por Bene Martins e Joel Cardoso foram referências sobre estas questões que também aparecem em outras artes amazônicas.

A cultura mundial formaliza álibis e institui retóricas de utilização estética para comercializar seus produtos. E é necessário que universalidade e diversidade da cultura amazônica sejam desenvolvidas em linguagem artística transestética. É necessário romper prática da repetição, do eco, da continuidade estética globalizada e evitar a mercantilização da Amazônia no sentido da exploração capitalista sem limites. Os conceitos propostos por Gilles Lipovetski e Jean Serroy no livro *A Estetização do Mundo: viver na era do Capitalismo Artista* serviram de referência para estas e outras questões relacionadas a comercialização da arte em um mundo capitalista.

É necessário que o cinema amazônica conquiste público local, pois em quase todas as manifestações artísticas produzidas na Amazônia, percebe-se pouco interesse e reconhecimento. A visão globalizada da estetização da cultura faz parte do capitalismo contemporâneo. Este incorporou pensamento de sonho e divertimento na arte transformada em elementos fundamentais, no que se chama de universo consumatório, de acordo com Lipovetsky e Serroy. Para estes autores,

Vivemos no tempo do boom estético sustentado pelo capitalismo do hiperconsumo. Com a época hipermoderna se edifica uma nova era estética, uma sociedade superestetizada, um império no qual os sóis da arte nunca se põem. Os imperativos do estilo, da beleza, do espetáculo adquiriram tamanha importância nos mercados de consumo, transformaram a tal ponto a elaboração dos objetos e dos serviços, as formas da comunicação, da distribuição e do consumo, que se torna difícil não reconhecer o advento de um verdadeiro “modo de produção estético” que hoje alcançou a maioria. Chamamos esse novo estado da economia mercantil liberal de capitalismo artista ou capitalismo criativo, transestético (LIPOVESTKY; SERROY, 2015, p. 39 e 40).

Neste estado da economia mercantil liberal, é necessário impor o que podemos chamar de culturas selecionadas. Na questão amazônica, o processo de desencantamento com nossas características e complexo de inferioridade cultural, incentivado por diversas áreas, são alguns dos problemas que podem ser pesquisados. Embora existam estudos amazônicos, ainda há pouca referência, divulgação e utilização dessas pesquisas no sistema educacional. Produção de



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

teatro, música, dança, cinema, literatura, entre outras merecem e necessitam ser mais trabalhadas.

Conclusões

Dessa reflexão, concluímos que a existência de várias amazônias, além da brasileira, merece interesse e investigação por parte dos que pesquisam a região, com vistas à produção cinematográfica. Sob óticas mais contextualizadas, devemos evitar que diversas culturas amazônicas se tornem apenas produtos de consumo. A tônica da explanação de outras culturas como dominantes tem sido revista. Tal procedimento ocorreu, por exemplo, com a cultura russa estigmatizada durante anos, devido à guerra fria, principalmente no Cinema. Felizmente, após queda do muro de Berlim, em 1989, por interesses políticos e econômicos, mudou sua posição diante do olhar colonizador americano.

Vive-se hoje, em parte, no que se poderia conceituar de sublime tecnológico. A sedução das imagens é forte e constante por vários meios. Não há interrupção para refletir sobre indução e manipulação das imagens. A repetição e capitalização dos estereótipos amazônicos fazem parte de discurso reducionista que chega pelo contato visual e isso deve ser questionado. As culturas amazônicas, com suas questões sociais, políticas e econômicas, obrigatoriamente, devem ser revistas e consideradas como constituintes das identidades dos povos.

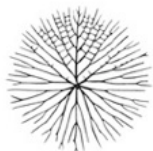
A Amazônia tem chances de redimensionar outros significados para suas culturas. Sua história terá outras trajetórias além das mostradas no passado em depoimentos e opiniões registrados pelo crítico de cinema e pesquisador Pedro Veriano em *Cinema no Tucupi*, um dos poucos registros sobre a intensa realização de exibição e produção de filmes na Amazônia, no estado do Pará. Personagens pesquisados por Veriano como o ator Syn de Conde (que fez breve carreira em Hollywood), o cineasta Líbero Luxardo e lugares de memória coletiva como o cinema Olympia (cinema mais antigo em atividade do país) e cineclubes poderão servir de inspiração para o cinema amazônico deste novo século.

Por isso, arte deve interagir com essas realidades gerando ações sociais que permitam redução da cultura dominante e consequente ascensão das culturas amazônicas, não de maneira isolada e sem autocrítica. Um mundo que impõe ordem global, sem perceber diversos outros mundos em suas maneiras e características próprias. Este é um dos grandes desafios que o Cinema, como arte e meio de resistência e ação cultural, deverá ter como compromisso, qual seja o de interpretar o imaginário amazônico, como fato social que interfere no comportamento da sociedade.

Palavras-Chave: Cinema. Amazônia. Estereótipos.

Referências

BAPTISTA, Mauro; MASCARELLO, Fernando (org.). **O Cinema Mundial Contemporâneo**. Campinas-SP: Papirus, 2012.



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

CABOCLA Filmes. Ribeirinhos do Asfalto. 2019. Imagem digital. Disponível em www.cabocla.org. Acesso em: 15 out. 2019.

KAHWAGE, Claudia; RUGGERI, Sandro (org.). **Imagem e Pesquisa na Amazônia: Ferramentas de Compreensão da Realidade**. Belém: Alves-Gráfica e Editora, 2007.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A Estetização do Mundo: viver na era do Capitalismo Artista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Encantarias da Palavra**. Belém: Ed. UFPA, 2017.

MARTINS, Bene; Cardoso, Joel. **Desdobramentos das Linguagens Artísticas: diálogos interartes na contemporaneidade**. Belém: UFPA/ICA/PPGARTES, 2012.

VERIANO, Pedro. **Cinema no Tucupi**. Belém: SECULT, 1999.